

* 7 JUN 1993

JORNAL DA TARDE

Liberando energia

Clon - Clon

Pequenos estímulos bastam para que a economia brasileira demonstre uma capacidade de reação extremamente rápida. No primeiro trimestre do ano, o PIB brasileiro — que é a soma de todos os bens, mercadorias e serviços aqui produzidos — cresceu 4.36% em relação ao último trimestre do ano passado, na maior variação desde 1980, quando o IBGE iniciou a apuração dessa série de dados. Foi o resultado da mudança do clima psicológico dominante entre os agentes econômicos, depois de afastado o temor de choques econômicos.

O setor que mais se destacou no primeiro trimestre, segundo os dados levantados pelo IBGE, foi o da indústria, que vinha sendo o mais prejudicado pela estagnação econômica que se arrasta de maneira intermitente desde 1981. A indústria em geral cresceu 6,1% no trimestre (em relação ao trimestre anterior), puxada basicamente pelo comportamento da construção (8,6%) e da indústria de transformação (6,6%).

Os economistas do IBGE acreditam que o aumento da demanda interna, provocado pela recuperação da massa salarial e pela decisão dos consumidores de optar por ativos reais, como os bens de consumo duráveis, foi o principal combustível para a retomada da produção identificada nos três primeiros meses do ano. Outro fator importante foi a safra 1992-93, considerada excelente, que elevou a renda agrícola.

No segundo trimestre o fator agrícola perdeu o peso que teve no início do ano, mas outros fatores positivos que impulsionaram a produção no primeiro trimestre mantiveram-se firmes nos meses seguintes, na avaliação dos técnicos do IBGE, que, por essa razão, acreditam que o primeiro semestre do ano apresentará um crescimento muito semelhante ao observado no período janeiro-março.

Todos esses números positivos sobre o desempenho da produção neste ano, no entanto, devem ser vistos com algumas reservas. O crescimento trimestral recorde deve-se em boa parte ao fato de que a base de comparação (o último trimestre de 1992) é baixa, porque no ano passado o PIB brasileiro ficou 0,99% menor do que o de 1991, que não se recuperava da profunda queda observada em 1990, ano do Plano Collor I.

Mesmo a produção industrial, que volta a demonstrar boa recuperação nesta primeira metade do ano, continua extremamente baixa. Apesar do crescimento de mais de 8% no primeiro trimestre, a produção da indústria de transformação é apenas 1,26% superior à de 1980. Nesses 13 anos, é bom lembrar, a população brasileira cresceu nada menos do que 25,9%. Isso quer dizer que, dividida pela população, a produção industrial brasileira diminuiu 20% nesse período.

Além disso, a recuperação da produção da indústria não se deve ao aumento da capacidade instalada, mas apenas à utilização maior dos equipamentos existentes, visto que não tem havido investimentos na expansão do parque produtivo. Esse fato revela a fragilidade do processo de recuperação da economia brasileira. Por ocorrer num ambiente de grande instabilidade, provocada por uma inflação que chegou à casa dos 30% mensais e tem tendência de alta, essa recuperação ainda não é suficientemente sólida para levar à retomada dos investimentos e ao aumento mais expressivo do nível de emprego. Mas é uma clara demonstração de que, quando não é intimidada pelo "terrorismo" estatal, expresso nas ameaças de intervenção e de choques, a economia brasileira pode liberar rapidamente a energia que tem concentrada em seu interior.